



OS BRIDGERTONS -- 4

Julia Quinn

OS SEGREDOS DE COLIN BRIDGERTON



OS SEGREDOS DE COLIN BRIDGERTON



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

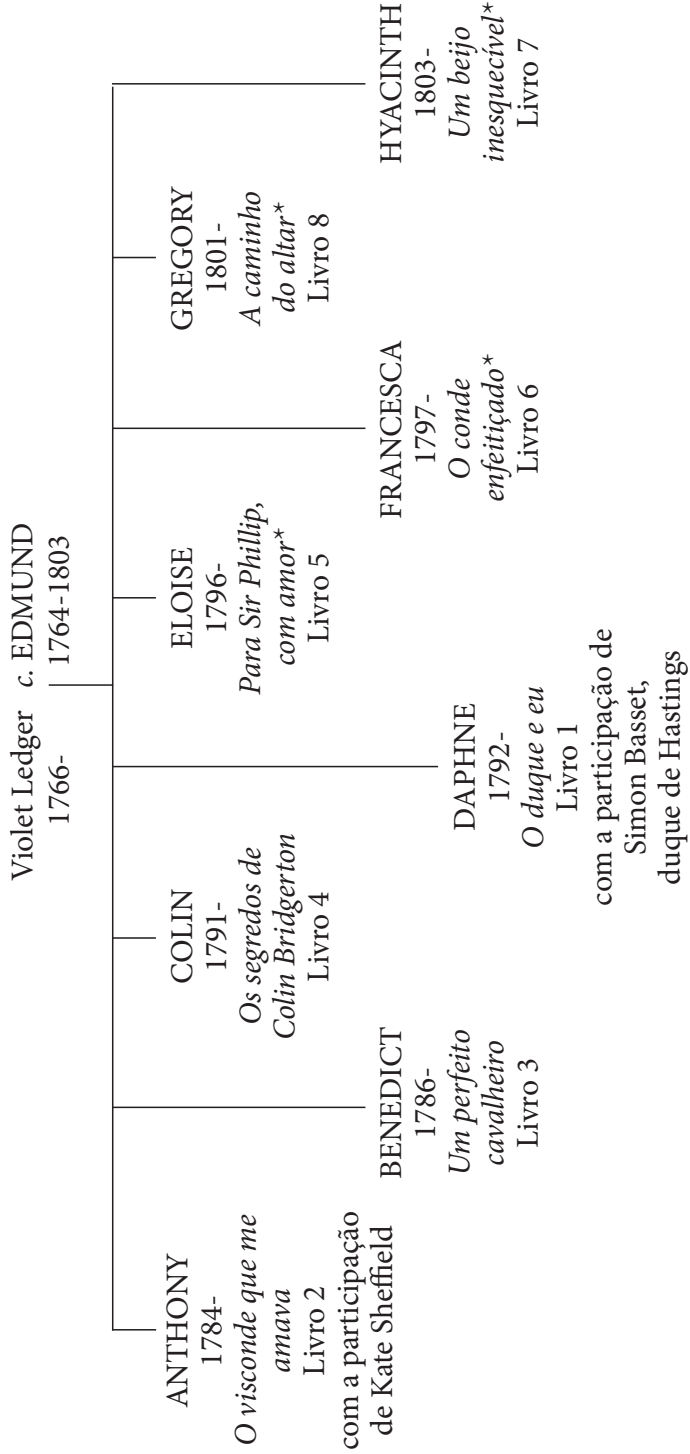
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para as mulheres do avonloop, todas as colegas e amigas:
obrigada por me darem assunto para falar o dia inteiro.
O apoio e a amizade de vocês significaram mais do que
eu jamais conseguiria expressar.

E para Paul, embora em seu campo de trabalho
o máximo que se possa alcançar de romantismo seja uma
palestra intitulada “O beijo da morte”.

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BRIDGERTON



* Títulos provisórios

Abril está quase chegando, e com ele começará uma nova temporada em Londres. Por toda a cidade, mães ambiciosas já podem ser vistas em lojas de vestidos com suas adoráveis debutantes, ansiosas por comprarem aquele traje mágico que acreditam que fará toda a diferença entre o matrimônio e a solteirice.

E quanto às suas presas – os solteiros convictos –, o Sr. Colin Bridgerton mais uma vez ocupa o topo da lista de maridos desejáveis, embora ainda não tenha retornado de sua recente viagem ao exterior. Ele não possui título de nobreza, é verdade, mas é belo, rico e, como qualquer um que tenha passado ao menos um minuto em Londres sabe, encantador.

O problema é que ele chegou à idade um tanto avançada de 33 anos sem jamais demonstrar interesse por nenhuma jovem em particular, e há pouca razão para supor que 1824 vá ser diferente de 1823 nesse aspecto.

Talvez as adoráveis debutantes – e, mais importante, as mães ambiciosas – devam procurar em outra parte. Se o Sr. Bridgerton está à cata de uma esposa, esconde bem esse desejo.

Por outro lado, não é exatamente desse tipo de desafio que uma debutante mais gosta?

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN

PRÓLOGO

No dia 6 de abril de 1812 – dois dias antes de seu aniversário de 16 anos –, Penelope Featherington se apaixonou.

Foi, em uma palavra, emocionante. O mundo estremeceu. Seu coração deu saltos. Ela ficou sem fôlego e foi capaz de dizer a si mesma, com alguma satisfação, que o homem em questão – um tal de Colin Bridgerton – se sentiu da mesma forma.

Ah, não com relação à parte amorosa. Com certeza ele não se apaixonou por ela em 1812 (nem em 1813, 1814, 1815, nem – ora, ora! – nos anos entre 1816 e 1822, e também não em 1823, quando, de qualquer forma, passou o ano todo fora do país). Mas o mundo dele estremeceu, seu coração deu saltos e Penelope soube, sem a menor sombra de dúvida, que ele perdeu o fôlego, assim como ela. Por uns bons dez segundos.

É o que geralmente acontece quando um homem cai do cavalo.

Aconteceu assim: ela estava caminhando pelo Hyde Park com a mãe e as duas irmãs mais velhas quando sentiu um trovejante ribombar (ler acima o trecho sobre o mundo estremeecer). A mãe não estava prestando muita atenção nela (como sempre), então Penelope se afastou um pouco para ver o que havia mais adiante. As outras Featheringtons estavam concentradas em sua conversa com a viscondessa de Bridgerton e a filha, Daphne, que acabara de iniciar a segunda temporada em Londres, de forma que fingiam ignorar o barulho. Os Bridgertons eram, de fato, uma família importante, e conversas com eles *não* eram algo a ser ignorado.

Ao contornar uma árvore especialmente grossa, Penelope avistou dois cavaleiros vindo em sua direção, galopando como se não houvesse amanhã, ou seja lá qual fosse a expressão usada em relação a tolos montados a cavalo que não se importavam com a própria segurança ou com o próprio bem-estar. Penelope sentiu o coração bater mais rápido (teria sido difícil manter a pulsação normal diante de tal agitação, e, além do mais, isso lhe permitiria dizer que seu coração deu um salto quando ela se apaixonou).

Então, numa dessas inexplicáveis artimanhas do destino, o vento de repente soprou mais forte, arrancando de sua cabeça o chapéu (que, para gran-

de desgosto da mãe, ela não amarrara direito, já que a fita roçava e irritava o seu queixo) e, *poft!*, lançando-o bem no rosto de um dos cavaleiros.

Penelope arquejou (ficando, assim, sem respiração) e o homem caiu do cavalo, aterrissando de maneira muito deselegante numa poça de lama próxima.

Ela avançou, quase sem pensar, grunhindo algo que pretendia que fosse uma pergunta sobre como ele se sentia, mas que ela suspeitava ter saído como um guincho abafado. Ele estaria, é claro, furioso com ela, uma vez que Penelope praticamente o derrubara do cavalo e o cobrira de lama – duas coisas que com certeza deixariam qualquer cavalheiro no pior dos humores. No entanto, quando ele enfim ficou de pé e começou, na medida do possível, a limpar a lama da roupa, não praguejou. Não lhe passou uma dolorosa descompostura, não gritou e nem mesmo a fuzilou com o olhar.

Ele riu.

Ele riu.

Penelope não tinha muita experiência com a risada masculina e nas poucas ocasiões em que a presenciara, ela não fora gentil. Mas os olhos daquele homem – de um tom muito intenso de verde – pareciam estar achando graça enquanto ele limpava uma mancha de lama localizada de forma bastante embaraçosa em seu rosto, para depois dizer:

– Bem, aquilo não foi muito habilidoso da minha parte, não é mesmo?

E, naquele momento, Penelope se apaixonou.

Quando encontrou a voz (o que, era-lhe doloroso admitir, ocorreu uns bons três segundos depois que qualquer pessoa com algum grau de inteligência teria respondido), ela falou:

– Ah, não, eu é que deveria me desculpar! Meu chapéu voou da minha cabeça e...

Parou de falar ao se dar conta de que ele não lhe pedira desculpas, de maneira que não fazia muito sentido contradizê-lo.

– Não foi incômodo algum – retrucou ele, dando um sorriso um tanto divertido. – Eu... Ah, bom dia, Daphne! Não sabia que estava aqui.

Penelope deu meia-volta e se viu frente a frente com Daphne Bridgerton, de pé ao lado da Sra. Featherington, que no mesmo instante sibilou:

– O que você aprontou, Penelope Featherington?

Penelope não pôde nem responder seu “Nada” de sempre porque, na realidade, o acidente fora totalmente culpa sua e ela acabava de fazer papel

de tola na frente de um homem que era, com toda a certeza – a julgar pela expressão da mãe – um solteiro *muito* cobiçável.

Não que a Sra. Featherington considerasse que *ela* teria qualquer chance com ele. Mas a matriarca nutria grandes esperanças matrimoniais em relação às suas filhas mais velhas. Além do mais, Penelope nem mesmo fora apresentada à sociedade ainda.

No entanto, se a Sra. Featherington tinha a intenção de ralhar com ela mais um pouco, não pôde fazê-lo, pois isso teria exigido desviar a atenção dos importantíssimos Bridgertons, cuja família incluía o homem agora coberto de lama, segundo Penelope logo descobriu.

– Espero que seu filho não tenha se machucado – disse a Sra. Featherington a Lady Bridgerton.

– Estou ótimo – interferiu Colin, esquivando-se com bastante habilidade antes que a mãe o cobrisse de mimos.

As devidas apresentações foram feitas, mas o resto da conversa foi desinteressante, sobretudo porque Colin, de forma rápida e precisa, entendeu que a Sra. Featherington era uma matriarca ansiosa por casar as filhas. Penelope não ficou nem um pouco surpresa quando ele logo bateu em retirada.

Mas o estrago já fora feito. Penelope agora tinha um motivo para sonhar.

Mais tarde, naquela noite, enquanto repassava o encontro pela milésima vez em sua cabeça, ocorreu-lhe que teria sido mais apropriado poder dizer que se apaixonara por Colin quando ele lhe beijara a mão antes de uma dança, os olhos verdes cintilando cheios de malícia enquanto ele segurava sua mão durante um tempo mais longo do que o comum. Ou, talvez, que tivesse acontecido enquanto ele cavalgava, audaz, por campos açoitados pelo vento, o já mencionado vendaval incapaz de contê-lo enquanto ele (ou, melhor, o cavalo) galopava cada vez mais rápido, sendo a sua única intenção (de Colin, não do cavalo) chegar perto dela.

Mas não, ela teve que se apaixonar quando ele caiu do cavalo e aterrissou com o traseiro numa poça de lama. Um fato bastante incomum e nem um pouco romântico, embora houvesse certa justiça poética nisso, uma vez que o acontecido não teria maiores desdobramentos.

Para que perder tempo com um amor que jamais seria correspondido? Melhor deixar os devaneios sobre os campos açoitados pelo vento para pessoas que de fato tivessem um futuro juntas.

E se havia algo que Penelope sabia, mesmo na época, com 16 anos quase completos, era que o seu futuro não incluía Colin Bridgerton no papel de marido.

Ela simplesmente não era o tipo de garota que atraía um homem como ele, e temia jamais ser.



No dia 10 de abril de 1813 – dois dias após o seu aniversário de 17 anos –, Penelope Featherington debutou na sociedade londrina. Ela não o quisera. Implorara à mãe que a deixasse esperar um ano. Estava pelo menos 12 quilos acima do peso e ainda tinha a péssima tendência a desenvolver um monte de espinhas no rosto sempre que ficava nervosa, o que significava que *vivia* com espinhas, já que nada no mundo a deixava mais nervosa do que um baile em Londres.

Tentou lembrar a si mesma que a beleza era algo superficial, embora isso não fosse uma desculpa útil quando ela não sabia o que *dizer* às pessoas. Não havia nada mais deprimente do que uma menina feia sem personalidade. E naquele primeiro ano no mercado casamenteiro, era exatamente isso que Penelope era. Uma garota feia sem nenhuma – ah, está certo, ela tinha que se dar *algum* crédito: com muito pouca – personalidade.

No fundo, ela sabia quem era: uma garota inteligente, generosa e muitas vezes até mesmo engraçada, mas, de alguma forma, sua personalidade sempre se perdia em algum lugar a caminho da boca e ela acabava dizendo a coisa errada ou – o que era mais comum – nada.

Para tornar tudo ainda menos atraente, a mãe se recusava a permitir que Penelope escolhesse as próprias roupas, e quando ela não estava com o indispensável branco que a maioria das jovens usava (e que, é claro, não valorizava em *nada* a sua pele), era forçada a vestir amarelo, vermelho e laranja, cores que a deixavam com uma aparência deplorável. A única vez que Penelope sugerira verde, a Sra. Featherington colocara as mãos nos largos quadris e declarara que a cor era melancólica demais.

O amarelo, argumentou a Sra. Featherington, era *alegre*, e uma moça *alegre* conseguiria fugar um marido.

Penelope decidiu naquele instante, naquele local, que era melhor não tentar compreender como a mente da mãe funcionava.

Assim, ela se via vestida de amarelo e laranja, e às vezes vermelho, embora tais cores a deixassem com uma aparência *nada* alegre e, na realidade, ficassem assustadoras combinadas a seus olhos castanhos e seus cabelos avermelhados. Não havia nada que pudesse fazer a respeito, no entanto, de forma que decidira sorrir e ser tolerante. Se não conseguisse sorrir, ao menos não choraria em público.

Algo que, por ser orgulhosa, jamais fazia.

E como se isso não bastasse, 1813 foi o ano em que a misteriosa (e fictícia) Lady Whistledown começou a publicar suas *Crônicas da sociedade*, três vezes por semana. O jornal de página única se transformou numa sensação instantânea. Ninguém sabia quem era autora. Durante semanas – não, meses –, Londres não conseguia falar de outra coisa. O jornal foi distribuído gratuitamente por duas semanas – tempo suficiente para viciar os mais sedentos por novidades –, e de repente não chegou mais – para adquiri-lo, era necessário comprá-lo das mãos dos entregadores ao preço exorbitante de cinco *pennies* por exemplar.

No entanto, ninguém conseguia viver sem suas doses semanais de mexericos e quase todos pagavam.

Em certo lugar, uma mulher (ou talvez um homem, especulavam alguns) estava ganhando bastante dinheiro.

A diferença entre o jornal de Lady Whistledown e qualquer boletim anterior sobre a sociedade era o fato de a autora informar o nome verdadeiro de seus sujeitos. Não havia como se esconder por trás de abreviações como Lorde P. ou Lady B. Caso Lady Whistledown desejasse escrever sobre alguém, ela usava o nome completo da pessoa.

E quando a colunista desejou escrever a respeito de Penelope Featherington, o fez. A primeira menção à garota no periódico foi assim: “O infeliz vestido da Srta. Penelope Featherington deixou a pobre menina parecida com nada menos que uma fruta cítrica madura demais.”

Sem dúvida, uma alfinetada para lá de dolorosa, embora nada menos do que a verdade.

A sua segunda menção na coluna não foi melhor: “Nenhuma palavra foi ouvida da Srta. Penelope Featherington, e não é para menos! A pobre menina parece ter se afogado nos babados do próprio vestido.”

Nada que, temia Penelope, fosse aumentar a sua popularidade.

Mas a temporada não chegou a ser um desastre completo. Havia algumas pessoas com quem ela parecia capaz de conversar. Lady Bridgerton

se afeiçoou a ela e a garota logo descobriu que podia contar à encantadora viscondessa coisas que jamais sonharia em dizer à própria mãe. Foi por meio de Lady Bridgerton que conheceu Eloise, a irmã mais nova de seu adorado Colin. A jovem também acabava de fazer 17 anos, mas a mãe sabidamente lhe permitira debutar no ano seguinte, embora Eloise possuísse a beleza da família e fosse cheia de encantos.

E, enquanto Penelope passava as tardes na sala de visitas verde e creme da Casa Bridgerton (ou, com mais frequência, no quarto de Eloise, onde as duas meninas se divertiam, davam risadinhas e falavam com bastante convicção sobre tudo o que havia para falar), às vezes travava contato com Colin, que, aos 22 anos, ainda não deixara a casa da família para morar em acomodações de solteiro.

Se Penelope achava que tinha se apaixonado por ele antes, isso não era nada comparado ao que passou a sentir depois de realmente conhecê-lo. Colin era espirituoso, bem-humorado, tinha um jeito brincalhão e despreocupado que fazia as mulheres suspirarem, mas, acima de tudo...

Colin Bridgerton era simpático.

Simpático. Uma palavrinha tão boba... Deveria ser algo banal, mas de alguma forma combinava com ele à perfeição. Colin sempre tinha algo agradável para dizer a Penelope, e quando ela enfim reunia coragem suficiente para responder (além dos cumprimentos e despedidas mais básicos), ele a escutava. O que acabava por tornar as coisas mais fáceis para a vez seguinte.

Ao final da temporada, Penelope achava que Colin fora o único homem com o qual conseguira ter uma conversa inteira.

Aquilo era amor. Ah, era amor, amor, amor, amor, amor, amor. Uma tola repetição de palavras, talvez, mas foi exatamente o que Penelope rabiscou numa folha de papel de carta caríssimo, junto com os nomes “Sra. Colin Bridgerton”, “Penelope Bridgerton” e “Colin Colin Colin”. (O papel seguiu para o fogo no instante em que a menina ouviu passos no corredor.)

Que maravilha era amar – mesmo que o sentimento não fosse correspondido – uma pessoa simpática. Fazia com que ela se sentisse tão sensata...

É claro que não atrapalhava em nada o fato de Colin possuir, assim como todos os homens da família, a mais fabulosa aparência física. Ele tinha aquela famosa cabeleira castanha, a boca grande e sorridente, os om-

broso largo, 1,80 metro de altura e, no caso de Colin, os mais devastadores olhos verdes que já adornaram um rosto humano.

Eram olhos que dominavam os sonhos de uma moça.

E Penelope sonhava, sonhava e sonhava.



Em abril de 1814, Penelope voltou a Londres para uma segunda temporada e, embora tenha atraído o mesmo número de pretendentes do ano anterior (zero), para ser honesta, a temporada não fora tão ruim. Contribuiu para tal o fato de ela ter perdido quase 13 quilos e agora poder se denominar uma “cheinha agradável” em vez de uma “gorducha horrosa”. Ainda não chegava nem perto do esbelto ideal feminino reinante à época, mas pelo menos mudou o suficiente para exigir um guarda-roupa todo novo.

Infelizmente, a mãe mais uma vez insistiu em tons de amarelo, laranja e no ocasional vermelho. E, desta vez, Lady Whistledown escreveu: “A Srta. Penelope Featherington (a menos fútil das irmãs) usou um vestido amarelo-limão que deixou um gosto azedo na boca de quem o viu.”

O que, pelo menos, pareceu sugerir que ela fosse o membro mais inteligente de sua família, apesar de o elogio ter sido, no mínimo, ambíguo.

Mas Penelope não era a única alvejada pela ácida colunista. A morena Kate Sheffield, com seu vestido amarelo, fora comparada a um narciso chamuscado e acabou se casando com Anthony Bridgerton, irmão mais velho de Colin e um visconde, ainda por cima!

Assim, Penelope mantinha as esperanças.

Bem, na verdade, não mantinha. Sabia que Colin não se casaria com ela, mas ao menos lhe convidava para dançar em todos os bailes, fazia-a rir e, de vez em quando, também ria do que ela lhe dizia. Penelope sabia que aquilo teria de bastar.



E, assim, a vida dela foi em frente. Participou de sua terceira temporada, e depois da quarta. As duas irmãs mais velhas, Prudence e Philippa, por fim encontraram os próprios maridos e saíram de casa. A Sra. Feathering-

ton mantinha a esperança de que Penelope ainda conseguisse se casar – as outras filhas haviam levado cinco temporadas para fazê-lo –, embora a jovem soubesse que estava destinada a permanecer solteira. Não seria justo casar-se com alguém quando continuava tão apaixonada por Colin. E talvez, nos recônditos da sua mente, naquele cantinho mais distante, escondido por trás das conjugações de verbos em francês que jamais dominara e da aritmética que nunca usara, ela ainda guardasse um minúsculo frangalho de esperança.

Até *aquele* dia.

Mesmo hoje, sete anos depois, ainda se referia a ele como *aquele* dia.

Tinha ido à casa dos Bridgertons, como fazia com frequência, para tomar chá com Eloise, as irmãs dela e Violet. Isso foi um pouco antes de o irmão da amiga, Benedict, se casar com Sophie, embora não soubesse quem ela era de fato e – bem, isso não significava nada, a não ser pelo fato de que talvez tenha sido o último grande segredo da década anterior que Lady Whistledown não conseguira desvendar.

Pois bem, ela vinha atravessando o saguão de entrada, ouvindo a cadência rítmica dos próprios passos no piso de mármore ao ir embora da casa sozinha. Ajeitava a capa e se preparava para caminhar a curta distância até sua residência (que ficava logo ao dobrar a esquina) quando ouviu vozes. Vozes masculinas. Vozes de Bridgertons do sexo masculino.

Eram os três irmãos mais velhos: Anthony, Benedict e Colin. Estavam tendo uma daquelas conversas que os homens costumam ter, em que ficam grunhindo e ridicularizando uns aos outros. Penelope sempre gostara de observá-los interagirem dessa forma: eram tão *família*...

Penelope podia vê-los através do vidro da porta da frente, mas não pôde ouvir o que diziam até chegar ao vão. E como prova do péssimo timing que a assolara a vida toda, a primeira voz que escutou foi a de Colin, e as palavras que ouviu não foram nada generosas:

– ... eu não vou me casar tão cedo, e muito menos com Penelope Featherington!

– Ah!

A palavra simplesmente saiu de seus lábios em um lamento desafinado antes mesmo que ela pudesse pensar.

Os três Bridgertons voltaram-se para encará-la, horrorizados, e Penelope soube que acabara de dar início aos piores instantes de sua vida.

Ficou em silêncio pelo que pareceu ser uma eternidade e então, por fim, com uma dignidade que jamais sonhara possuir, olhou direto para Colin e retrucou:

– Eu nunca pedi que se casasse comigo.

O rosto dele, já rosado, tornou-se rubro. Ele abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Talvez, pensou Penelope com estranha satisfação, aquela tivesse sido a única vez na vida que ele ficou sem palavras.

– E eu nunca... – acrescentou Penelope, engolindo em seco sem parar. – Eu nunca falei a ninguém que queria que você me pedisse em casamento.

– Penelope – conseguiu, enfim, falar Colin –, eu sinto muito.

– Não tem do que se desculpar.

– Não – insistiu ele. – Tenho, sim. Eu a magoei, e...

– Você não sabia que eu estava aqui.

– Mesmo assim...

– Você não vai se casar comigo – declarou ela, a voz soando estranha e falsa aos seus ouvidos. – Não há nada de errado com isso. Eu não vou me casar com o seu irmão Benedict.

Até então, Benedict estava olhando para o outro lado, tentando não encará-la, mas a partir desse momento passou a prestar atenção.

Penelope fechou as mãos ao lado do corpo.

– Ele não fica magoado quando eu digo que não vou me casar com ele. – Virou-se para Benedict e forçou-se a fitá-lo diretamente nos olhos. – Fica, Sr. Bridgerton?

– Claro que não – respondeu ele, com rapidez.

– Então está resolvido – disse ela decididamente, impressionada por, ao menos uma vez na vida, estar conseguindo pronunciar as palavras exatas que queria. – Ninguém ficou magoado. Agora, se me derem licença, cavalheiros, preciso ir para casa.

Os três cavalheiros no mesmo instante deram um passo para trás, a fim de que ela pudesse passar, e Penelope teria escapado ilesa se Colin, de repente, não tivesse gritado:

– Não tem uma acompanhante?

Ela negou com a cabeça.

– Eu moro logo depois da esquina.

– Eu sei, mas...

– Eu a acompanho – ofereceu Anthony com delicadeza.

– Realmente não é necessário, milorde.

– Permita-me – insistiu ele, num tom que deixava claro que ela não tinha escolha.

Ela assentiu e os dois partiram rua abaixo. Após umas duas casas, Anthony comentou numa voz estranhamente respeitosa:

– Ele não sabia que você estava ali.

Penelope sentiu os cantos dos lábios ficarem tensos – não de raiva, mas de um misto de cansaço e resignação.

– Eu sei. Ele não é mau. Imagino que sua mãe o esteja pressionando para que se case.

Anthony assentiu. O desejo de Lady Bridgerton de ver cada um dos oito rebentos casados e felizes era lendário.

– Ela gosta de mim – declarou Penelope. – Eu me refiro à sua mãe. Temo que não consiga ver além disso. Mas a verdade é que não importa muito que ela goste ou não da noiva de Colin.

– Bem, eu não diria isso – refletiu Anthony, soando menos como um visconde muito temido e respeitado e mais como um filho bem-comportado. – Eu não gostaria de ter me casado com alguém de quem a minha mãe não gostasse. – Ele balançou a cabeça num gesto que demonstrava grande admiração e respeito. – Ela é uma força da natureza.

– A sua mãe ou a sua esposa?

Ele pensou por meio segundo.

– Ambas.

Caminharam por mais alguns instantes e Penelope deixou escapar:

– Colin deveria sair daqui.

Anthony a olhou, curioso.

– Como assim?

– Ele deveria sair daqui. Viajar. Não está pronto para se casar e a sua mãe continuará pressionando-o, ainda que sem querer. Ela tem boas intenções...

Penelope mordeu o lábio inferior, horrorizada. Esperava que o visconde entendesse que ela estava criticando Lady Bridgerton. Até onde sabia, não havia senhora mais digna em toda a Inglaterra.

– Minha mãe sempre tem boas intenções – comentou Anthony, com um sorriso indulgente. – Mas talvez você tenha razão. Talvez ele devesse sair de Londres. Colin de fato gosta de viajar. Acabou de voltar do País de Gales.

– É mesmo? – murmurou Penelope, educadamente, como se não soubesse.

– Chegamos – disse ele, depois de assentir em resposta. – É aqui que você mora, certo?

– É, sim. Obrigada por me acompanhar.

– O prazer foi todo meu, posso lhe garantir.

Penelope observou-o enquanto ele partia, então entrou e começou a chorar.

No dia seguinte, Lady Whistledown relatou em sua coluna:

“Ora, mas quanta agitação se viu ontem em frente à casa de Lady Bridgerton, na Rua Bruton!

Primeiro, Penelope Featherington foi vista na companhia não de um, nem de dois, mas de TRÊS irmãos Bridgertons, um feito até então impossível para a pobre menina, já um tanto conhecida por ser bastante sem graça. Infelizmente (mas talvez de forma previsível) para a Srta. Featherington, quando ela enfim partiu, foi acompanhada pelo visconde, o único casado do grupo.

Se a Srta. Featherington conseguisse, de alguma forma, arrastar um dos irmãos Bridgertons para o altar, isso seria o fim do mundo como o conhecemos, e esta autora, que admite que não entenderia mais nada de tal mundo, seria forçada a renunciar ao seu posto no mesmo instante.”

Ao que parecia, até Lady Whistledown compreendia a inocuidade dos sentimentos de Penelope por Colin.



Os anos se passaram e, de alguma forma, sem perceber, Penelope deixou de ser uma debutante e ocupava agora o grupo das damas de companhia e observava a irmã mais nova, Felicity – a única das irmãs Featheringtons abençoada com graça e beleza natural –, desfrutar da própria temporada londrina.

Colin desenvolveu uma inclinação especial pelas viagens e passava cada vez mais tempo fora de Londres. Parecia que a cada mês seguia para um destino diferente. Quando estava na cidade, sempre guardava uma dança e um sorriso para Penelope, e ela, de algum jeito, conseguia fingir que nada havia acontecido, que ele jamais tinha declarado sua aversão a ela numa via pública e que seus sonhos nunca tinham sido despedaçados.

E sempre que ele estava na cidade, o que não ocorria com frequência, os dois pareciam desfrutar de uma amizade fácil, mesmo que não muito profunda. O que era tudo o que uma solteirona de 28 anos poderia esperar, certo?

Um amor não correspondido não era nada fácil de administrar, mas ao menos Penelope Featherington já estava acostumada a isso.

CAPÍTULO 1

Mamães casamenteiras, podem comemorar: Colin Bridgerton retornou da Grécia!

Para os gentis (e ignorantes) leitores recém-chegados à cidade, o Sr. Bridgerton é o terceiro da lendária série de oito irmãos Bridgertons (por isso o nome Colin, que começa com a letra C: ele nasceu depois de Anthony e Benedict e antes de Daphne, Eloise, Francesca, Gregory e Hyacinth).

Embora o Sr. Bridgerton não possua nenhum título de nobreza, e talvez jamais venha a possuir (é o sétimo na linha de sucessão do título de visconde de Bridgerton, atrás dos dois filhos do atual visconde, de seu irmão Benedict e dos três filhos dele), é considerado, apesar disso, um dos melhores partidos da temporada devido à sua fortuna, à sua beleza, à sua forma física e, acima de tudo, aos seus encantos. É difícil, no entanto, prever se ele irá sucumbir às bênçãos matrimoniais nesta temporada. Sem dúvida, tem idade para se casar (33 anos), mas jamais demonstrou interesse decisivo por nenhuma dama apropriada e, para complicar ainda mais as coisas, possui a terrível tendência de deixar Londres a qualquer instante em direção a algum destino exótico.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE ABRIL DE 1824

— **O**lhe só para isto! – guinchou Portia Featherington. – Colin Bridgerton está de volta!

Penelope ergueu os olhos do bordado. A mãe segurava a última edição do *Whistledown* da maneira que Penelope talvez segurasse, digamos, uma corda, caso estivesse prestes a despencar de um penhasco.

– Eu sei – murmurou ela.

Portia franziu a testa. Odiava quando alguém – qualquer um – ficava sabendo de uma fofoca antes dela.

– Mas como você conseguiu pôr as mãos no *Whistledown* antes de mim? Eu pedi a Briarly que o separasse e que não permitisse que ninguém o tocasse...

– Eu não li no *Whistledown* – interrompeu Penelope antes que a mãe saísse para incomodar o pobre e já tão requisitado mordomo. – Felicity me contou ontem à tarde. Hyacinth Bridgerton comentou com ela.

– A sua irmã passa muito tempo na casa dos Bridgertons.

– Assim como eu – observou Penelope, perguntando-se aonde aquele comentário iria dar.

Portia tamborilava na lateral do queixo, como sempre fazia quando travava alguma coisa.

– Colin Bridgerton está numa idade em que deveria procurar uma esposa.

Penelope conseguiu piscar para evitar que os olhos lhe saltassem das órbitas.

– Ele não vai se casar com Felicity!

Portia deu de ombros levemente.

– Coisas mais estranhas já aconteceram.

– Não que eu tenha visto – murmurou Penelope.

– Anthony se casou com Kate Sheffield, e ela era ainda menos popular do que você.

Aquilo não era exatamente verdade. Penelope achava que as duas tinham ocupado o mesmo lugar na base da pirâmide social. Mas parecia não adiantar dizer isso à mãe, que estava achando que tinha feito um elogio à filha ao afirmar que ela não fora a menina menos popular da temporada.

Penelope sentiu os lábios ficarem tensos. Os “elogios” da mãe tendiam a ter o efeito de ferrões de vespas sobre ela.

– Não pense que minha intenção é criticá-la – continuou Portia, transformando-se de repente na própria imagem da preocupação. – Na verdade, fico satisfeita com a sua solteirice. Estou só neste mundo, a não ser pelas

minhas filhas, e é reconfortante saber que uma de vocês poderá cuidar de mim na velhice.

Penelope teve uma visão do futuro segundo a descrição da mãe e sentiu um súbito desejo de sair correndo e se casar com o limpador de chaminés. Fazia tempo que se resignara à vida de solteirona eterna, embora, de alguma forma, sempre tivesse se imaginado morando na própria casinha com varanda. Ou talvez num confortável chalé à beira-mar.

Mas, nos últimos tempos, Portia vinha pontuando as conversas com a filha com referências à sua velhice e à sorte que tinha pelo fato de que Penelope cuidaria dela. Não importava o fato de que tanto Prudence quanto Philippa haviam se casado com homens ricos e que possuíam dinheiro mais do que suficiente para proporcionar todo o conforto à mãe. Ou que a própria Portia fosse uma mulher de algumas posses: quando a família estabelecera o seu dote, um quarto da quantia fora separado numa conta de uso pessoal dela.

Não, quando Portia falava em ser cuidada na velhice, não se referia a dinheiro. O que ela queria era uma escrava.

Penelope suspirou. Estava sendo muito dura com a mãe, ainda que só em pensamento. Fazia isso com excessiva frequência. Portia a amava. Penelope sabia disso. E ela também a amava.

A questão era que, às vezes, não *gostava* muito dela.

Esperava que isso não a tornasse uma pessoa ruim. Mas, com efeito, a mãe tinha a capacidade de desafiar a paciência até mesmo da mais afável e meiga das filhas, e Penelope era a primeira a admitir que podia ser um pouco sarcástica em alguns momentos.

– Por que acha que Colin não se casaria com Felicity? – indagou Portia.

Penelope ergueu os olhos, aturdida. Achou que aquele assunto já estivesse encerrado. Deveria ter desconfiado. A mãe era persistente.

– Bem – começou ela, devagar –, para início de conversa, ela é doze anos mais nova do que ele.

– Pfff – fez Portia, descartando o comentário com um aceno de mão. – Isso não tem nenhuma importância, e você sabe disso.

Penelope franziu a testa, então espetou a agulha no dedo sem querer e deu um ganido.

– Além do mais – continuou Portia, alegremente –, ele tem... – olhou outra vez para o *Whistledown* procurando a idade exata – 33 anos! Como

espera que consiga evitar uma diferença de 12 anos entre ele e a esposa? Com certeza você não acha que Colin vá se casar com alguém da *sua* idade.

Penelope chupou o dedo machucado, mesmo sabendo que o gesto era bastante indelicado. Mas precisava colocar algo na boca para evitar fazer algum comentário terrível e maldoso.

Tudo o que a mãe dissera era verdade. Vários homens da alta sociedade – talvez até a maioria – se casavam com moças muito mais novas do que eles. Mas, de alguma forma, a diferença de idade entre Colin e Felicity parecia ainda maior, talvez porque...

Penelope foi incapaz de esconder a repugnância.

– Ela é como uma irmã para ele. Uma irmã mais nova.

– Ora, Penelope, sinceramente, não creio...

– Seria quase um incesto – murmurou Penelope.

– O que foi que você disse?

Penelope pegou o bordado outra vez.

– Nada.

– Estou certa de que disse alguma coisa.

Penelope balançou a cabeça.

– Na verdade, eu pigarreei. Talvez tenha escutado...

– Eu a ouvi dizer alguma coisa. Tenho certeza!

Penelope gemeu. Visualizou a vida longa e tediosa que tinha pela frente.

– Mamãe – retrucou, com uma paciência que se não era a de uma santa era, pelo menos, a de uma irmã de caridade muito devota. – Felicity está praticamente noiva do Sr. Albansdale.

Portia começou a esfregar as mãos uma na outra.

– Não ficará noiva dele se conseguir fisgar Colin Bridgerton.

– Ela preferiria *morrer* a correr atrás de Colin.

– É claro que não. É uma menina inteligente. Qualquer um pode ver que Colin Bridgerton é um partido melhor que o Sr. Albansdale.

– Mas Felicity ama o Sr. Albansdale!

Portia murchou na poltrona.

– Isso é verdade.

– Além do mais – continuou Penelope de forma bastante enfática –, o Sr. Albansdale possui uma fortuna bastante respeitável.

Portia bateu com o indicador no rosto.

– Tem razão. Não tão respeitável quanto parte da fortuna dos Bridgertons – continuou, bruscamente –, mas nada desprezível, suponho.

Penelope sabia que devia deixar o assunto de lado, mas não conseguiu evitar fazer um último comentário:

– Na verdade, mãe, ele é um ótimo par para Felicity. Devíamos estar felicíssimas por ela.

– Eu sei, eu sei – rosnou Portia. – É que eu queria tanto que uma das minhas filhas se casasse com um Bridgerton... Seria maravilhoso! Eu seria o principal assunto de Londres durante semanas. Anos, talvez.

Penelope enfiou a agulha na almofada a seu lado. Não havia dúvida de que se tratava de uma forma bastante tola de dar vazão à sua raiva, mas a alternativa seria se levantar e gritar: “E eu?” Portia parecia acreditar que, uma vez que Felicity se casasse, sua esperança de uma união com os Bridgertons estaria frustrada para sempre. Mas Penelope continuava solteira – será que isso não servia de nada?

Seria pedir demais que a mãe pensasse nela com o mesmo orgulho que sentia das outras filhas? Penelope sabia que Colin não a escolheria como noiva, mas será que uma mãe não deveria ser pelo menos um pouco cega com relação aos defeitos das próprias crias? Era óbvio para Penelope que nem Prudence, nem Philippa e nem mesmo Felicity jamais tinham tido qualquer chance com um Bridgerton. Então por que Portia parecia crer que os encantos das três eram tão maiores que os de Penelope a esse ponto?

Certo, Penelope tinha que admitir que Felicity era mais popular que as três irmãs mais velhas juntas. Mas Prudence e Philippa jamais haviam sido muito requisitadas. Tinham mofado às margens dos salões de baile da mesma forma que Penelope.

Exceto, é claro, pelo fato de estarem, agora, casadas. Penelope não gostaria de ter nenhum dos dois maridos, mas pelo menos as duas eram esposas.

Por sorte, porém, a mente de Portia já percorria outros caminhos.

– Eu deveria fazer uma visita a Violet – dizia ela. – Deve estar tão aliviada por Colin ter voltado...

– Estou certa de que Lady Bridgerton ficará encantada em vê-la – comentou Penelope.

– Pobre mulher – comentou Portia, com um suspiro dramático. – Ela se preocupa com ele, sabe...

– Eu sei.

– Para ser sincera, acho que é mais do que uma mãe deveria suportar. Ele vive vagando por aí, só Deus sabe por onde, nesses países *sem fé*...

– Acredito que pratiquem o cristianismo na Grécia – murmurou Penelope, com os olhos mais uma vez voltados para o bordado.

– Não seja impertinente, Penelope Anne Featherington, e eles são *católicos*! Portia estremeceu ao pronunciar a última palavra.

– Não têm nada de católicos – replicou Penelope, desistindo do bordado e colocando-o de lado. – Pertencem à Igreja Ortodoxa Grega.

– Bem, não são da Igreja Anglicana – queixou-se Portia, fungando.

– Considerando que são gregos, não imagino que estejam muito preocupados com isso.

Portia estreitou os olhos em sinal de desaprovação.

– E, de qualquer forma, como você sabe sobre essa religião grega? Não, não me diga – continuou em tom de lamento, com um gesto dramático. – Você leu em algum lugar.

Penelope se limitou a piscar enquanto pensava numa resposta adequada.

– Eu gostaria que não lesse tanto – observou Portia com um suspiro. – Talvez eu tivesse conseguido casá-la há anos se houvesse se concentrado mais no seu traquejo social e menos em... menos em...

Penelope teve que perguntar:

– Menos em quê?

– Não sei. No que quer que faça com que você fique olhando para o nada, sonhando acordada com tanta frequência.

– Eu apenas penso – disse Penelope, baixinho. – Às vezes gosto de simplesmente parar e pensar.

– Parar de quê? – quis saber Portia.

Penelope não pôde deixar de sorrir. A pergunta da mãe parecia resumir todas as diferenças entre as duas.

– Nada, mãe – respondeu Penelope. – Sério.

Portia tinha um ar de que queria dizer mais alguma coisa, então pensou duas vezes. Ou talvez estivesse apenas com fome. Apanhou um biscoito da bandeja de chá e o pôs na boca.

Penelope ia pegando o último para si, mas decidiu deixá-lo para a mãe. Era melhor manter a boca de Portia cheia. A última coisa que desejava era se ver no meio de outra conversa sobre Colin Bridgerton.



– Colin está de volta!

Penelope ergueu os olhos do livro que lia – *Uma breve história da Grécia* – e viu Eloise entrar em seu quarto. Como sempre, a amiga não fora anunciada. O mordomo dos Featheringtons estava tão acostumado a vê-la por ali que a tratava como membro da família.

– É mesmo? – retrucou Penelope, conseguindo fingir (em sua opinião) uma indiferença bastante realista.

Ela tinha colocado *Uma breve história da Grécia* por dentro de *Mathilda*, o romance de S.R. Fielding que fora um enorme sucesso no ano anterior. Todo mundo possuía um exemplar na mesinha de cabeceira. E era grosso o bastante para esconder o livro que Penelope estava lendo de fato.

Eloise sentou-se na cadeira da escrivaninha da amiga.

– É. E está bronzeadíssimo. Também, era de se esperar, depois de ter passado tanto tempo sob o sol.

– Ele foi à Grécia, não foi?

Eloise fez que não com a cabeça.

– Ele disse que a guerra piorou por lá e que era perigoso demais. Então, acabou indo para Chipre.

– Ora, ora – comentou Penelope, sorrindo. – Então Lady Whistledown errou.

Eloise deu um daqueles sorrisos insolentes típicos dos Bridgertons e, mais uma vez, Penelope se deu conta da sorte que tinha em tê-la como melhor amiga. Ela e Eloise eram inseparáveis desde os 17 anos. Tinham debutado no mesmo ano e, para consternação de suas mães, haviam se tornado solteironas juntas.

Eloise afirmava não ter encontrado a pessoa certa.

Penelope, é claro, não recebera nenhuma proposta.

– E ele gostou de lá? – perguntou Penelope.

Eloise deixou escapar um suspiro.

– Disse que é um lugar impressionante. Ah, como eu adoraria viajar... Ao que parece, todo mundo já foi a algum lugar, menos eu.

– E eu – lembrou-lhe Penelope.

– E você – concordou Eloise. – Graças a Deus você existe.

– Eloise! – gritou Penelope, atirando uma almofada nela.

Mas ela mesma agradecia a Deus por Eloise. Todos os dias. Muitas mulheres passavam a vida toda sem uma amiga próxima e ali estava ela com uma pessoa a quem podia contar qualquer coisa. Bem, praticamente qualquer coisa. Penelope jamais lhe dissera o que sentia por Colin, embora imaginasse que Eloise suspeitasse. A amiga era muito discreta para comentar alguma coisa, o que só confirmava a certeza de Penelope de que Colin jamais a amaria. Se Eloise pensasse, mesmo por um instante, que a amiga tinha alguma chance de fisgar o irmão como marido, teria tramado estratégias casamenteiras com uma tenacidade que impressionaria qualquer general de exército.

Quando necessário, Eloise era uma pessoa com bastante instinto de liderança.

– ... então ele contou que o mar sacudia tanto que ele despejou tudo no oceano pela lateral do barco e... – Eloise fez uma careta. – Você não está escutando.

– Não – admitiu Penelope. – Bem, estou, em parte. Não consigo acreditar que Colin tenha lhe contado que vomitou.

– Ora, eu sou irmã dele.

– Ele ficaria furioso com você se soubesse que me disse isso.

Eloise descartou a queixa de Penelope com um aceno de mão.

– Ele não ligaria. Você é como uma irmã para ele.

Penelope sorriu, mas ao mesmo tempo deixou escapar um suspiro.

– É claro que mamãe quis saber se ele pretende ficar na cidade durante a temporada – continuou Eloise –, e é claro que ele fugiu da pergunta, mas quando eu resolvi interrogá-lo pessoalmente...

– Muito engenhoso da sua parte – murmurou Penelope.

Eloise atirou a almofada de volta nela.

– ... consegui que ele admitisse que sim, que passará pelo menos alguns meses aqui. Mas ele me fez prometer não contar nada a mamãe.

– Ora, mas isso não é muito inteligente da parte dele – comentou Penelope, pigarreando em seguida. – Se a sua mãe achar que a estadia dele aqui será limitada, irá dobrar os esforços para vê-lo casado. Imagino que ele haveria de querer evitar isso.

– De fato esse parece ser o objetivo de vida dele – concordou Eloise.

– Se ele conseguir enganá-la, fazendo-a acreditar que não tem pressa para ir embora, talvez ela não o pressione tanto.

– Uma ideia interessante – disse Eloise –, embora talvez seja mais verdadeira em teoria do que na prática. Minha mãe está tão decidida a vê-lo casado que o fato de dobrar os esforços para isso não tem importância alguma. Seu empenho normal já será o bastante para levá-lo à loucura.

– Será possível uma pessoa ser levada duplamente à loucura? – refletiu Penelope.

Eloise inclinou a cabeça para o lado.

– Não sei, mas acho que não gostaria de descobrir.

As duas ficaram um momento em silêncio (algo bastante raro), então Eloise se levantou de repente e disse:

– Tenho que ir.

Penelope sorriu. Quem não conhecia Eloise muito bem achava que ela tinha o hábito de mudar de assunto do nada, mas Penelope sabia que a verdade era outra. Quando a amiga colocava algo na cabeça, simplesmente não desistia até conseguir o que queria. O que significava que, se Eloise tinha querido ir embora de repente, isso devia estar relacionado a algo que conversaram mais cedo, naquela mesma tarde, e...

– Estamos esperando Colin para o chá – explicou Eloise.

Penelope sorriu. Adorava estar certa.

– Você deveria vir – sugeriu Eloise.

Penelope fez que não com a cabeça.

– Ele iria preferir que fosse só a família.

– Talvez você tenha razão – concordou Eloise, assentindo de leve. – Muito bem, então, estou indo. Sinto muito por sair correndo, mas eu só queria lhe contar que Colin voltou para casa.

– Eu li no *Whistledown* – lembrou-lhe Penelope.

– Certo. E onde é que essa mulher consegue as informações? – considerou Eloise, balançando a cabeça, impressionada. – Juro que às vezes ela sabe tanto sobre a minha família que eu me pergunto se deveria ter medo.

– Ela não pode continuar com isso para sempre – comentou Penelope, levantando-se para acompanhar a amiga até a porta. – Em algum momento alguém haverá de descobrir quem ela é, não acha?

– Não sei. – Eloise colocou a mão na maçaneta e abriu a porta. – Eu costumava achar isso, mas já faz dez anos. Mais que isso, na verdade. Se fosse para ela ser pega, acho que já teria acontecido.

Penelope seguiu Eloise escada abaixo.

– Em algum momento ela haverá de cometer um erro. Tem que acontecer. Afinal, ela é humana.

Eloise riu.

– E eu aqui achando que era uma semideusa.

Penelope sorriu.

Eloise parou e se virou tão subitamente que Penelope trombou com ela e as duas quase rolaram os últimos degraus da escada.

– Sabe de uma coisa? – falou.

– Não consigo nem imaginar.

Eloise nem se deu o trabalho de fazer uma careta.

– Aposto que ela *já* cometeu um erro – declarou.

– Como assim?

– Você mesma disse. Ela, ou ele, escreve essa coluna há mais de uma década. Ninguém consegue fazer isso por tanto tempo sem cometer erros. Então, sabe o que eu acho?

Penelope se limitou a abrir as mãos num gesto de impaciência.

– Que todos nós somos burros demais para notar os seus erros.

Penelope a fitou por um instante, depois começou a rir.

– Ah, Eloise – falou, secando as lágrimas dos olhos. – Eu realmente amo você.

Eloise riu.

– Ainda bem que ama, solteirona que sou. Vamos morar juntas quando fizermos 30 anos e nos tornarmos duas velhas de verdade.

Penelope se apegou à ideia como quem se agarra a um barco salva-vidas.

– Acha que poderíamos? – retrucou. Em seguida olhou de maneira furtiva de um lado para outro no corredor e continuou em voz baixa: – Minha mãe vem falando sobre a velhice dela com uma frequência alarmante.

– O que há de alarmante nisso?

– Eu estou em todas as suas visões, atendendo a todos os seus desejos.

– Minha nossa.

– O que me passou pela cabeça foi uma imprecisão menos branda do que essa.

– Penelope!

Mas Eloise estava rindo.

– Eu amo a minha mãe – afirmou Penelope.

– Eu sei que ama – assentiu Eloise, numa voz quase apaziguadora.

– Não, é sério, eu amo mesmo.

O canto esquerdo da boca de Eloise começou a se curvar num meio sorriso.

– Eu sei que ama. Sério.

– É só que...

Eloise ergueu uma das mãos.

– Não precisa dizer mais nada. Eu entendo perfeitamente. Eu... Ah! Bom dia, Sra. Featherington!

– Eloise – começou Portia, apressando-se pelo corredor em direção a elas. – Não sabia que estava aqui.

– Eu fui furtiva, como sempre – brincou Eloise. – Mal-educada, até.

Portia lhe lançou um sorriso indulgente.

– Eu soube que seu irmão está de volta.

– Sim, estamos todos transbordando de alegria.

– Tenho certeza disso, sobretudo a sua mãe.

– Sem dúvida. Não cabe em si de felicidade. Acredito que esteja fazendo uma lista agora mesmo.

Portia no mesmo instante ficou mais atenta, como sempre ocorria à menção de qualquer coisa que pudesse ser interpretada como uma intriga.

– Lista? Que espécie de lista?

– Ora, a senhora sabe, do mesmo tipo que fez para todos os filhos adultos. Cônjuges em potencial e tudo o mais.

– Fico me perguntando o que pode ser o “tudo o mais” – comentou Penelope com a voz seca.

– Às vezes ela inclui uma ou duas pessoas completamente inadequadas para realçar as qualidades das *reais* possibilidades.

Portia riu.

– Quem sabe ela não a coloca na lista de Colin, Penelope!

Penelope não riu. Nem Eloise. Portia não pareceu notar.

– Bem, é melhor eu ir andando – disse Eloise, pigarreando para disfarçar o momento desconfortável para duas das três pessoas que se encontravam no corredor. – Estamos esperando Colin para o chá. Mamãe quer a família toda presente.

– E vocês todos vão caber lá? – perguntou Penelope.

A casa de Lady Bridgerton era grande, mas, contando com os cônjuges e netos, os parentes já eram 21. De fato, uma grande família.

– Bem, o chá será na Casa Bridgerton – explicou Eloise.

A mãe se mudara da residência oficial dos Bridgertons em Londres depois que o filho mais velho se casara. Anthony, visconde desde os 18 anos, garantira a Violet que ela não precisava partir, mas ela insistira que ele e a esposa precisavam de privacidade. Como resultado, Anthony e Kate viviam lá com os três filhos, enquanto Violet morava com os filhos solteiros (com exceção de Colin, que tinha as próprias acomodações) a poucas quadras, na Rua Bruton, número 5. Após quase um ano de tentativas infrutíferas de dar um nome ao novo lar de Lady Bridgerton, a família começara a chamá-lo apenas de Número Cinco.

– Divirta-se – disse Portia. – Preciso encontrar Felicity. Temos hora na costureira e estamos atrasadas.

Eloise observou enquanto Portia desaparecia escada acima, então disse a Penelope:

– Sua irmã tem passado bastante tempo na costureira.

A amiga deu de ombros.

– Ela está enlouquecendo com tantas provas de roupa, mas é a única esperança de minha mãe para um casamento realmente grandioso. Acho que está convencida de que, com o vestido correto, minha irmã vá fugar um duque.

– Ela não está quase noiva do Sr. Albansdale?

– Imagino que ele fará um pedido formal na semana que vem. Mas, até lá, minha mãe prefere manter as opções em aberto. – Penelope revirou os olhos. – É melhor avisar ao seu irmão que mantenha distância por enquanto.

– Gregory? – indagou Eloise, incrédula. – Ele ainda nem saiu da universidade.

– Colin.

– *Colin*? – Eloise explodiu em gargalhadas. – Ah, essa é boa.

– Foi o que eu falei, mas você sabe como ela é quando enfia uma coisa na cabeça.

Eloise continuou a rir.

– Um tanto como eu, imagino.

– Tenaz até a morte.

– A tenacidade pode ser uma qualidade muito boa – lembrou-lhe Eloise –, no momento certo.

– Certo – retrucou Penelope com um sorriso sarcástico. – E no momento errado pode ser um verdadeiro pesadelo.

Eloise riu.

– Alegre-se, minha amiga. Pelo menos ela permitiu que você se livrasse de todos aqueles vestidos amarelos.

Penelope baixou os olhos para o vestido matinal que usava, de um lisonjeiro – modéstia à parte – tom de azul.

– Ela parou de escolher as minhas roupas quando enfim se deu conta de que eu não ia me casar. Uma moça sem perspectivas de matrimônio não vale o tempo nem a energia que lhe custam para oferecer conselhos de moda. Ela não me leva à costureira há mais de um ano. É uma bênção!

Eloise sorriu para a amiga, cuja pele adquiria um encantador tom de pêssego com creme quando ela usava cores frias.

– Todo mundo notou assim que ela a deixou escolher as próprias roupas. Até Lady Whistledown comentou!

– Escondi essa coluna de mamãe – admitiu Penelope. – Não quis que ficasse magoada.

Eloise piscou algumas vezes antes de dizer:

– Bondade sua, Penelope.

– Eu tenho os meus momentos de caridade e boa vontade.

– Imagino que parte muito importante da caridade e da boa vontade seja a capacidade de não chamar a atenção para o fato de possuí-las – falou Eloise, começando a rir.

Penelope fez uma careta e empurrou a amiga em direção à porta.

– Você não tinha que ir embora?

– Estou indo! Estou indo!

E ela se foi.



Era bastante agradável estar de novo na Inglaterra, pensou Colin enquanto bebericava um excelente *brandy*.

Era estranho, na verdade, gostar na mesma medida de voltar para casa e de partir. Dentro de mais alguns meses – seis, no máximo – estaria se coçando para viajar outra vez, mas, por ora, sentia-se satisfeito: a Inglaterra no mês de abril era absolutamente maravilhosa.

– Bom, não é mesmo?

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br